

## Ode à audácia

Em *Sonho sem Fim*, o elogio aos pioneiros do cinema

O cinema brasileiro, tal como se mostra fora das telas, é uma crise permanente, uma lamúria constante de diretores contra a falta de verbas, as precárias condições de filmagem e a concorrência das fitas estrangeiras. Nas telas, essas condições de produção muitas vezes resultam em filmes mal-acabados, interpretações tacanhas e confusas mensagens ideológicas. Costumam resultar em chatices, em suma. Usar a crise do cinema nacional, dessa vez nos anos 20, como pano de fundo e substrato para um enredo poderia dar origem a um filme chatíssimo. O diretor Lauro Escorel Filho, no entanto, usou justamente esse tema para fazer o seu agradável filme de estréia, *Sonho sem Fim* (Brasil, 1986), que entra em cartaz nesta quinta-feira no Rio de Janeiro e na próxima semana em São Paulo.

Ao contar as aventuras de Eduardo Abelim (Carlos Alberto Riccelli), um herói eclético que para conquistar o mundo do cinema ganha a vida como quiromante e malabarista automobilístico, o filme presta uma singela homenagem aos pioneiros do cinema nacional. No Rio Grande do Sul, Abelim se apaixona pela atriz de teatro Clara (a encantadora Débora Bloch) e a convida para ser a estrela de *Pecado da Vaidade*, um filme escandaloso para os padrões morais da época. Unido pelo amor e pelos sonhos sem fim do cinema, o casal parte para o interior do Estado em busca do público e se envolve em um sem-número de peripécias. Há humor, emoções delicadas e audácia nos personagens de *Sonho sem Fim*, um filme que, sem maiores pretensões, dá um retrato singelo dos anos 20 e do início da crise do cinema brasileiro.

LINA DE ALBUQUERQUE



Débora Bloch (à esq.): aventura e humor



Trintignant, Anouk e Lelouch: seqüência do caso antigo



## Cinema

### Na meia-idade

Um Homem, uma Mulher  
vinte anos mais velhos

O diretor francês Claude Lelouch filmou há duas décadas *Um Homem, uma Mulher* com o premente objetivo de saldar suas dívidas. Seu primeiro filme havia sido um fracasso comercial, o segundo foi censurado e, movido pela mais violenta das musas — a falta de dinheiro —, escreveu rapidamente o roteiro e filmou com um orçamento baixo *Um Homem, uma Mulher*. Rapidamente, a história de amor entre a jovem viúva Anne Gauthier (Anouk Aimée) e o piloto de corridas Jean-Louis Duroc (Jean-Louis Trintignant) fez um enorme sucesso de público, foi premiada no Festival de Cannes e ganhou o Oscar de melhor filme estrangeiro. Lelouch ficou rico, fez os filmes que quis — mas jamais conseguiu repetir a dose do sucesso. O cineasta parte agora para a repetição mesmo, na forma da seqüência *Um Homem, uma Mulher: 20 Anos Depois* (*Un Homme et une Femme: Vingt Ans Déjà*, França, 1986), que entra em cartaz nesta quinta-feira em São Paulo.

O filme — que teria um título mais preciso se se chamasse *Um Senhor, uma Senhora* — interessa principalmente àqueles que assistiram à versão anterior e gostaram da trilha sonora de Francis Lai e das interpretações de Trintignant e Anouk Aimée. A música continua eficazmente romântica e os atores envelheceram bem, sem cirurgias plásticas: Anouk continua bonita e Trintignant, com o rosto sulcado de rugas, cresceu como ator.

Para quem não viu o primeiro *Um Homem, uma Mulher*, a seqüência tardia de Lelouch é plenamente compreensível. Em diversos momentos, são apresentados trechos do filme antigo, de maneira a contar como o casal se encontrou há vinte anos, se separou e agora se reencontra novamente.

FILMES EMBOLADOS — De roteirista, Anne passou a produtora de cinema, enquanto Jean-Louis continua fascinado por carros de corrida e ralis. Depois de ver um filme seu fracassar nas bilheterias, Anne decide usar seu antigo caso com Jean-Louis como tema para uma nova fita. Eles tornam a se encontrar e, como não poderia deixar de ser, ao menos no romantismo de Lelouch, a velha paixão reacende. Começam aí os problemas de *Um Senhor, uma Senhora*: além de mostrar trechos do filme de vinte anos atrás, há as filmagens do filme da produtora sobre o seu caso com Jean-Louis. Logo, Anne desiste do filme e resolve fazer outro, dessa vez sobre um crime, enquanto Jean-Louis parte para o rali Paris-Dacar. No fim, o espectador sai do cinema com a impressão de que viu uns dezoito filmes ao mesmo tempo, embolados uns nos outros. Lelouch precisou de muita confusão para repetir o que havia feito há vinte anos.

MÁRIO SÉRGIO  
CONTI